

**MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA**

CLASSE DE LETRAS

Elogio histórico a Joaquim Cerqueira Gonçalves

LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

LISBOA • 2024

Título: Elogio histórico a Joaquim Cerqueira Gonçalves

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2024

DOI: <https://doi.org/10.58164/bbsx-cq53>

Elogio histórico a Joaquim Cerqueira Gonçalves

LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS

Quando, por meados de novembro de 2019, me foi atribuída, pelo então Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Doutor Jorge Gaspar, a tarefa de, em representação desta Academia, fazer o Elogio histórico do nosso confrade Emérito Professor Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves — numa altura em que ainda não se falava de COVID-19 e se previa que o ato viesse a ocorrer em sessão académica pelo final de março de 2020 —, o sentimento de honra que essa designação trazia consigo foi completamente abafado pelo sentido da imensa responsabilidade e conseqüente dificuldade da tarefa. O facto de conhecer o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves há mais de cinco décadas, de ter sido seu aluno no início dos anos 70 do passado século, e depois, a partir de 1977, seu colega como docente no Departamento de Filosofia da FLUL e seu colaborador muito próximo em muitas tarefas científicas e académicas, de ter acompanhado regularmente, pela leitura e estudo, a sua obra publicada, tudo isso me parecia avolumar e dificultar muito mais a tarefa do que propriamente facilitá-la.

Felizmente pude valer-me dos testemunhos de muitos que foram seus alunos, seus colegas, seus amigos, seus confrades, que os exprimiram, seja na Homenagem que, por ocasião da sua aposentação, lhe foi feita, promovida pelo Departamento e Centro de Filosofia da UL, e de que resultou o volume *Poiética do Mundo* (2001), seja no Colóquio que teve lugar nos primeiros dias de abril de 2016, nas vésperas do seu octogésimo sexto aniversário, promovido pelo Núcleo de Estudos de Filosofia Medieval daquela mesma Universidade em que ele foi Professor Catedrático desta disciplina, colóquio que constituiu também uma homenagem, mas sob a forma de um *Florilégio Medieval*¹, em que se procedeu ao estudo de vários aspetos da sua vasta obra de pensamento — que, entretanto, por ele mesmo

¹ Os trabalhos apresentados nesse “*Florilégio Medieval*” [FM] foram depois publicados na revista *Itinerarium*, n.ºs 215/216 do ano LXII (maio-dezembro de 2016), pp. 273-752.

havia sido selecionada e reunida e em boa hora também publicada pela INCM (2011, 2013, 2014) em 3 grossos volumes (somando mais de 2 mil páginas), sob o título geral *Itinerâncias de Escrita [IE]*; homenagens e publicações estas em que participaram muitos seus antigos alunos e seus colegas, e entre estes também vários confrades da nossa Academia, que me apraz mencionar: os Professores Doutores Aires Augusto do Nascimento, António Braz Teixeira, José Barata-Moura, Manuel Ferreira Patrício (infelizmente já falecido), Manuel José do Carmo Ferreira, Viriato Soromenho-Marques. E, em 2017, a revista *Itinerarium* dedicar-lhe-ia um volume especial, sob o título *Noções de sentido. Em torno de Joaquim Cerqueira Gonçalves*.

Neste Elogio, representando, pela Classe de Letras, toda esta Academia, o que farei é juntar o meu testemunho ao de muitos que se têm destacado em comentar e interpretar a pessoa, as obras e escritos do Professor Cerqueira Gonçalves, expondo o seu pensamento e mostrando a excepcional relevância inspiradora de muitas das suas ideias e as singulares qualidades de humanidade de quem as protagonizou. Nas minhas palavras soarão em eco as muitas e diferentes vozes desse amplo coro dos que por ele e pelos seus escritos já foram interpelados e provocados para o pensamento.

Quem conhece o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves sabe bem quanto lhe custa ou desagrada que o elogiem. Se aceita que o façam é só porque nisso reconhece que são os mesmos elogiadores que se elogiam, isto é, que isso é a maneira de eles mesmos exprimirem a energia criativa do seu ser próprio, sendo ele, por conseguinte, apenas o pretexto para que tal aconteça, continuando, também desse modo, a sua tarefa de Mestre: dando e provocando a pensar, incentivando a dizer, dando matéria e ocasião para que outros, interpelados pelos seus escritos, expressem o seu ser e pensamento próprios.

Embora a matéria seja muita e percorrê-la exija tempo, imponho-me o dever de ser breve quanto possível, pedindo desde já desculpa pelas muito sumárias alusões, pelas violentas ou grosseiras simplificações e pelas inevitáveis muitas omissões.

O meu discurso decorrerá em três momentos: falarei um pouco do Homem; seguidamente, do Professor e do Académico; por fim, da sua Obra e Pensamento.

1. O HOMEM

Em testemunhos escritos que sobre o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves têm deixado registados, vários seus amigos, colegas e discípulos porfiaram em encontrar o mais adequado epíteto que lhe poderia caber numa Assembleia dos Doutores (ele que se dedicou ao estudo intenso de três famosos — Agostinho de Hipona, o *Doctor gratiae*, Boaventura de Bagnoregio, o *Doctor seraphicus*, e João Duns Escoto, o *Doctor subtilis* —, e propuseram designá-lo ora como *Doctor fidelis* e *Doctor generosus* (assim propôs o nosso confrade Professor Manuel José do Carmo Ferreira), ora também como *Doctor fraternus* (proposta de Frei Armindo Carvalho, Ministro Provincial da Província Portuguesa da Ordem Franciscana).² Não há, porém, que excluir nenhuma destas designações: Fidelidade, Generosidade e Fraternidade são apenas modos de dizer distintos traços de uma mesma densa personalidade. Este aspeto humano e pessoal — a que, num seu ensaio sobre Frei Gomes de Lisboa, O Professor Cerqueira Gonçalves chama “o mapa humano que situa e anima as coordenadas da especulação” (*IE*, II, p. 682) — é relevante, sobretudo se tivermos em conta que, de quem aqui se trata, é de alguém que em coerência defende que todo o agir e todo o pensar autênticos incarnam num indivíduo, cuja singularidade é formada pelas circunstâncias e rede de inter-relações de que se tece a sua existência. O sentido da individualidade e da singularidade pessoal é nele uma vivência, muito antes de ser assumido como um princípio da sua ontologia personalista, pluralista, expressionista e singularizadora, que subjaz a todo o seu pensamento, inspirada sobretudo em João Duns Escoto, o primeiro filósofo medieval que intensamente viria a estudar e a cujo pensamento dedicaria a sua dissertação de Licenciatura.

No caso de Joaquim Cerqueira Gonçalves, há três circunstâncias que marcam indelevelmente a sua personalidade e determinam a sua condição existencial e institucional — a saber: a vivência de infância, a sua condição membro da Ordem Franciscana e a sua atividade universitária e académica dedicada à docência e ao cultivo da Filosofia.

Em primeiro lugar, pois, a vivência do que, na obra em que mais densamente expõe a sua Ontologia e Filosofia da Natureza e da Vida, ele chama, as “delícias da infância”, de lúdica e inocente liberdade pelas terras do Lima — nas suas

² Respetivamente, em *FM*, pp. 319-322 e 286.

palavras, o “correr, galgando campos e bosques, saltando obstáculos, nunca sentidos como barreiras intransponíveis e hostis, pés, ora bem firmes na terra, ora voando no espaço interminável” — vivência esta da qual colheu o arreigado sentimento de uma originária pertença de si mesmo à Terra, como sendo “membros do mesmo organismo, sem lugar para insuperáveis destrinças, alimentando embora infinitas diferenças, todas consistentes e irreduzíveis como a do eu: uma explosão de vida, sem espaço para elementos mortos.” (*Em Louvor da Vida e da Morte*, 1998, *IE*, III, p. 253).

Cerqueira Gonçalves virá mesmo a teorizar sobre o tópico, num seu ensaio intitulado “Cultura por entre prados, outeiros e rios minhotos” (*IE*: III, pp. 510-523), apontando o poder de determinação (não de determinismo) que tem o ambiente (as paisagens, os espaços, mas também a cultura) em que se nasce e se vive na constituição da personalidade e modo de ser característicos dos seres humanos, no caso, dos minhotos. E, como em longo prelúdio a uma evocação de dois poetas minhotos — Diogo Bernardes, aí nascido, e Sá de Miranda, que do Minho fez terra de adoção — ele ensaia os traços para uma caracterização das gentes do Minho, num esboço onde sobressai a estreita afinidade entre os seres humanos e os outros seres da natureza envolvente. Observando que: “A memória das gentes do Minho não conhece a topografia das grandes e intransponíveis elevações e depressões quer das montanhas, quer dos mares, bem como os intermináveis horizontes das planícies. Nela, seriam-se e alternam-se, salvo raras exceções, moderados relevos de colinas, prados, rios e ribeiros, onde o perene predomínio da cor verdejante facilita a conversão de uns em outros, além de denunciar a matriz comum, a água, por assim dizer, a pedra filosofal que aí converte tudo em tudo. Não admira que no Minho medrem caracteres versáteis, mesmo volúveis, que não conhecem situações de inultrapassável desespero, mas que, por outro lado, sentem a melancolia da curta duração e do efêmero. Gente propensa à transitividade, à troca, às adaptações, tal como a água que procura, engenhosamente, as sinuosas depressões do terreno. Gente que sorri com a alegria da paisagem, mas que sabe serem todas as formas uma respiração curta.” (*IE*, III, pp 517-518).

É nessa proto-vivência de ser e sentir-se natural entre os demais seres da natureza que virá a implantar-se e a explicitar-se a peculiar Ontologia do concreto e do sensível de Joaquim Cerqueira Gonçalves, concebida como a originária e

unívoca comunidade plural e diferenciada de todos os seres, aí enraíza a sua filosofia da natureza e têm a sua matriz as reiteradas reflexões sobre a Ecologia e o Ambiente, que irão conjugar-se depois com outras vivências e referências de matriz cultural ou filosófica, constituindo-se num dos mais fecundos tópicos do seu pensamento.

E, a este respeito, sobressai, como segunda circunstância determinante da sua singular personalidade, a vivência que viria ter como membro da Ordem Franciscana, corroborando e adensando semanticamente aquela de infância de uma espontânea simbiose com a natureza ambiente: e isso, agora, pelo reconhecimento da essencial e elementar relação de fraternidade universal de todos os seres da Terra e do Cosmo, que se expõe na ingenuidade do notável “Cântico das Criaturas”, de Francisco, o poeta “poverello” de Assis, e, junto com isso, o otimismo e o sentido da originária bondade da criação e do mundo material, o sentimento de que a existência de cada ser humano é, nas suas várias e essenciais dimensões expressivas, como que um ato poiético de colaboração na concretização da expressão da maior plenitude da criação e do ser.³

O profundo sentido franciscano da fraternidade e da simplicidade revela-se também no que alguns dos amigos e colegas de Joaquim Cerqueira Gonçalves chamam o seu “basismo”, praticado nas relações interpessoais e especialmente no respeito incondicional pela liberdade e pelas opiniões de todos seja qual for a sua condição, no desinteresse pelas hierarquias académicas, no cultivo da informalidade como regra de protocolo. Mas também o sentido da “pobreza”, como humildade, desprendimento, itinerância, agradecimento. Mas tudo isso é em Cerqueira Gonçalves vivido intensamente desde o interior e com natural descrição e simplicidade, que por nada se denuncia, “sem alardes deslocados e com elegância”, como o aponta, num seu testemunho, o nosso confrade Professor José Barata-Moura (*Poiética do Mundo*, p. 44). É, aliás, o próprio Joaquim Cerqueira Gonçalves que indica, como sendo uma característica afim do espírito de pobreza franciscano, “o respeito e o amor ao mundo repassados de ironia”. Num passo da sua obra *Humanismo Medieval* (1971, p. 172), lê-se: “Respeito e amor ao mundo,

³ Tenham-se presentes, para além do já mencionado *Em Louvor da Vida e da Morte* (1998), os seus ensaios “A responsabilidade ambiental – Uma leitura medieval” (1996), “São Francisco de Assis e a Ecologia” (2001), “O Franciscanismo e a Natureza: Testemunhos-Comportamentos-Doutrinas” (2004).

eis uma característica do espírito de pobreza do franciscano. (...) respeito e amor repassados de ironia, uma atitude espiritual muito próxima da pobreza. Nem sempre o homem consegue remeter o mundo à sua Fonte. Por isso, olhá-lo-á com a ambiguidade da ironia, ora valorizando-o, ora voando sobre ele com prudente e misteriosa liberdade.”

Há, por outro lado, em Cerqueira Gonçalves uma conatural confiança na essencial bondade e dignidade do Ser e de todos os seres criados, que só por si lhe sustentam a esperança e o natural otimismo: tudo o que existe pode ser ainda mais e melhor. O futuro é mais pregnante do que o passado e do que o próprio presente. O Ser, mais do que substância ou essência (*ousía*) em ato, é energia (*energeia*), ato e ação em processo, o existente e o possível, poder ser mais e melhor, é contínua emergência de ser, não apenas quantitativa, mas sobretudo qualitativa, isto é, diferenciadamente. Isso vale para toda a realidade a que se atribui a proto-determinação de ser: o Mundo, a Natureza, a Cultura, as instituições, os indivíduos.

“Poiética” é a expressão que o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves usa recorrentemente e com ela diz o fazer-se ou o vir a ser de tudo, por si mesmo ou pela intervenção de outros seres, e também pelo agir ou fazer humanos.⁴ Com ela diz até o seu próprio entendimento e ocupação do que é o “Fazer (da) Filosofia” (*IE*, II, p. 63ss) e o fazer — ou a poiética — do Mundo. Diz o seu próprio modo de ser, de fazer ou de atuar. Trata-se nisso mais de um agir espontâneo, do que do agir ou fazer determinados pelas chamadas leis necessárias da natureza ou mesmo pelas leis duma razão prática ou técnica, que obedeçam a uma norma ou a um programa determinados, e a obra, resultado de muitas contingências e de muitos agentes (que não apenas humanos!), é um processo de criação sempre em aberto. Assim o diz: “A vida na terra é uma obra de arte, uma sinfonia, onde colaboram múltiplos atores: a natureza — que, frequente e indevidamente, é oposta ao engenho da arte — a humanidade, — a quem costuma atribuir-se a exclusiva autoria da obra—, o tempo, cujas múltiplas interpretações tendem a escamotear o seu poder criador.” (*IE*, III, pp. 255-256). Sendo ele, sem dúvida, medularmente movido pelo voluntarismo de inspiração agostiniana e escotista e um dos grandes pensadores da densidade ontológica da ação humana (no que

⁴ Veja-se Américo Pereira, “O acto como ontopoiese ecológica”, *FM*, pp. 635-640.

tem por reconhecidos companheiros os filósofos franceses Maurice Blondel, Louis Lavelle e Paul Ricoeur), mesmo o agir humano (incluído o agir ético, o produzir ou executar técnicos e o próprio trabalho manual ou intelectual) é por ele vivido e concebido antes como um “fazer” que se reconhece próximo dos processos criativos da arte e da poesia, e que, não descartando o concurso do intelecto, da razão prática e da vontade, convoca, todavia, para temperar e dar vida e sentido a estas instâncias anímicas, outras faculdades cognitivas e outras dimensões afetivas geralmente desprezadas ou subapreciadas, como a imaginação, o espírito inventivo, a intuição, a esperança, a generosa gratuidade, e mesmo aquilo que, na linguagem cristã, se chama o amor.

2. O PROFESSOR E O ACADÉMICO

A formação universitária, primeiro em Filosofia Escolástica, no Instituto Católico de Toulouse, e depois na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1957-1962) — onde viria a apresentar, em 1962, uma dissertação de Licenciatura em Filosofia sobre João Duns Escoto (*Essência e existência no pensamento de João Duns Escoto*) e oito anos depois a tese de doutoramento em Filosofia sobre *Homem e Mundo em São Boaventura* (1970) — deu-lhe oportunidade para assimilar e aprofundar o significado especulativo e inspirador de cultura do franciscanismo medieval, na interpretação que deste foi dada por aquelas duas fontes mais qualificadas, inspiradas, uma (a do Doutor seráfico), no platonismo (ou neoplatonismo) de feição agostiniana, transformado já profundamente pela aportação dos ingredientes essenciais do Cristianismo (a criação, o amor, a infinitude divina, a visão trinitária de Deus, o sentido da qualidade positiva do Mundo, da matéria, do corpo, da dignidade da natureza, da liberdade, da pessoa, da graça, da expressão, da mediação, da relação) e, a outra (a do Doutor subtil), pondo em destaque o profundo sentido do ser e sua univocidade, o sentido da existência, o primado da vontade sobre o intelecto, a irredutível individualidade.

Os temas e autores que escolhe para as suas dissertações académicas são o campo fecundo onde nascem muitas das suas reflexões futuras e a que sempre regressa com novas aportações. Destaca-se a sua subsequente revisitação assídua do pensamento de Santo Agostinho (8 ensaios), de Boaventura (6 ensaios), para além da tese de doutoramento, de Escoto (6 ensaios), para além da dissertação de licenciatura, mas não descurando outros medievais, como Anselmo de

Cantuária (1 ensaio) e António de Lisboa (1 ensaio) e outros mais, geralmente considerados menores, mas não insignificantes, de que se ocupa em três dezenas de verbetes de maior ou menor extensão na Enciclopédia *Logos*.

Para a condição e função que viria a assumir de professor universitário de Filosofia Medieval (como professor auxiliar desde 1963, como Professor Extraordinário, desde 1972, e como Professor Catedrático, a partir de 1978), Joaquim Cerqueira Gonçalves levava já um modo franciscano de ser e de pensar e um modo filosófico de equacionar os problemas e de os abordar e expressar que incarna no seu modo muito singular de ser. Ele não será apenas um esmerado erudito e um raro e inspirado professor de matérias filosóficas medievais. Antes e acima de tudo, revelar-se-á como um pensador original e por conta própria, com perspetivas amplas e profundas, embora sempre em intensíssimo diálogo com outros pensadores, não só medievais, mas com muitos outros, nomeadamente, os antigos (sobretudo Platão e Plotino, e também Aristóteles (mas este e as receções medievais da sua filosofia sempre encarados com alguma reserva, devido à difícil conciliação das doutrinas físicas e metafísicas — e também éticas e psicológicas — do Estagirita com doutrinas básicas do Cristianismo); e também os modernos (Francisco Suárez, Descartes — 4 ensaios —, Espinosa, Kant, Ludwig Feuerbach); e os contemporâneos, com destaque para a escola espiritualista francesa, representada por Maurice Blondel (*L'Action*, 1893) e Louis Lavelle; e ainda Paul Ricoeur (2 ensaios) e múltiplas referências, cujas obras lhe dão ensejo para desenvolver as suas reflexões sobre o texto, a ação, a historicidade, a hermenêutica, a metáfora; e também Hans-Georg Gadamer (1 ensaio) pelo seu pensamento hermenêutico e Umberto Eco (1 ensaio) se cruzarão no seu caminho. Com todos eles entabula diálogo, sempre ao seu jeito muito próprio, tentando compreender e expor a verdade que se diz nas respetivas diferenças de expressão do pensamento a respeito dos temas de interesse que lhes é comum. Atenção lhe merecem também pensadores portugueses: para além de António de Lisboa e Frei Gomes de Lisboa, há dois mais recentes: Leonardo Coimbra (3 ensaios) e Vergílio Ferreira (1 ensaio); e dedica também ensaios a interpretar a obra e pensamento de alguns seus colegas da FLUL: Vitorino Nemésio, João Medina, Fernando de Mello Moser, Manuel Antunes.

É, obviamente, como medievalista e como docente de Filosofia Medieval na FLUL que o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves sobremaneira sobressai,

vindo, pelo seu ensino ao longo de quase quatro décadas (1963–2000), a conferir a essa disciplina uma feição muito própria e como que a reinventá-la. Não se reduziu, porém, à função docente a sua atividade nessa instituição. Sucessivamente, foi chamado a desempenhar outras funções académicas: Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras, Diretor da *Revista da Faculdade de Letras*, Fundador e Diretor da revista *Philosophica* (1993–2000). A partir de 1993, foi designado pela FCT Coordenador Científico do Centro de Filosofia, função que desempenharia até à sua aposentação. E ao abrigo de protocolo de intercâmbio interinstitucional viria a desempenhar também funções na UCP, como Professor e Coordenador da Área Científica de Filosofia. Paralelamente, desempenhou ainda funções como Membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (1990—1996), como Presidente da Direção da SCUCP, como Diretor da *Revista Pax et Bonum*, como Membro do Conselho Científico da *Revista Portuguesa de Filosofia*, como Membro do Conselho Científico da *Revista Portuguesa de Psicanálise*. Pelos seus reconhecidos relevantes serviços como Professor Universitário foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Instrução Pública pelo Presidente da República Portuguesa, a 10 de Junho de 2002.

Seja ainda uma breve nota sobre a sua condição como sócio da ACL. Tendo nela sido acolhido como sócio correspondente, em 18 de maio de 1989, passaria a sócio efetivo em 19 de março de 2008 e a sócio emérito em 26 de janeiro de 2017, tendo garantido assiduidade às sessões da sua Classe e regular apresentação de comunicações próprias sobre temas relevantes e oportunas intervenções nos debates.⁵ Tendo-lhe sido confiada a tarefa de representar a ACL no Conselho Nacional de Educação, cumpriu essa tarefa com zelo, até janeiro de 2017, dando regularmente conta do seu desempenho ao Presidente da ACL.

A reflexão sobre a Escola, o ensino e, em especial, o ensino da Filosofia é recorrente nos ensaios de Joaquim Cerqueira Gonçalves, como o era nas suas aulas de Filosofia Medieval, e constitui mesmo toda uma secção do 3.º volume dos seus escritos (240 pp.). Mas como entendia e praticava ele o seu magistério universitário?

Poderiam aduzir-se aqui testemunhos de muitos que foram seus alunos. Mas darei, antes, a palavra ao próprio. Como se porfiasse com um dos seus grandes

⁵ É com uma das suas comunicações à ACL (sessão da Classe de Letras de 21.06.2001), sob o título “Bioética: sentido e aporias” que encerra o 3.º volume dos seus *Itinerários de Escrita* (pp. 560-572).

interlocutores, o Agostinho de Hipona, autor de uma obra intitulada *Acerca do Mestre (De Magistro)*, o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves deixou os traços de um autorretrato enquanto professor nestas linhas de um de seus livros intitulado *Fazer Filosofia. Como e onde?*

Escreve ele:

“Se a figura do Mestre tem sentido em filosofia, ela não pode de modo algum eclipsar o conteúdo, de que esta não pode prescindir. O papel do Mestre deve mesmo ser entendido em função desse conteúdo. Mas este não é algo definido pelo Mestre e entregue ao discípulo, tudo efectuado com escrupulosa fidelidade. O mundo do Mestre excede-o e é precisamente esse excedente que vai interpelar o discípulo, a fim de este o desenvolver no seu impulso para mais. O Mestre transmite um conteúdo, mas indicando-o, insinuando-o, apontando a direção dos seus vectores. — É por isso que a figura do filósofo como Mestre do silêncio — fundamental estrutura da linguagem — ganha cabal pertinência. Ele como que desaparece perante o conteúdo, mormente perante os referentes desse conteúdo, o seu raizame e o seu horizonte. Pelo silêncio, atinge o Mestre o cume da expressão, remetendo para donde vem e para onde vai o seu mundo. É ainda por isso que o Mestre fala sobretudo pela vida, mas, para que tal suceda, esta deve ter as características de um texto, de um mundo.”

A verdade dos traços deste autorretrato, certamente não pretendido como tal, é amplamente confirmada pelos testemunhos de muitos que foram seus alunos, ou seus colegas, publicados nas obras acima referidas.⁶ Ao longo de quase quatro décadas de intenso magistério universitário nunca ele desejou ou pretendeu deixar discípulos que pensassem como ele. Antes, despertou muitos para o pensamento, para pensarem para além dele, de modo diferente do dele e até contra ele; para pensarem por si próprios, para além de si próprios e até contra si próprios. Esse estilo aparentemente desconcertante de ensinar, nem sempre bem compreendido às primeiras impressões, era o seu modo peculiar de praticar a socrática ironia e maiêutica, um hábito de natural generosidade e desprendimento, que

⁶ Destaco o ensaio do nosso querido confrade — entretanto falecido — Professor Manuel Ferreira Patrício, em *FM*, pp. 707-715: “O pensamento antropagógico de Joaquim Cerqueira Gonçalves”. Mas na mesma obra são também publicados dois outros ensaios plenos de interesse, de Maria Teresa Santos, “Rizoma, o solo e o horizonte da educação ou os desafios do pensamento pedagógico de Joaquim Cerqueira Gonçalves”, *FM*, pp. 685-694; e de António Rocha Martins, “A Filosofia e o Ensino da Filosofia em Joaquim Cerqueira Gonçalves”, *FM*, pp. 695-706. Veja-se também Mário Santiago de Carvalho, “Contra ‘O Mestre’”, *Poiética do Mundo*, pp. 219-228.

fazia coerência com toda uma concepção de filosofia como ministério da linguagem, do saber como exercício dialogal e questionador dos modos de ver e de ser no mundo, do reconhecimento de cada ser humano como construtor ele mesmo de mundos e de sentidos, não pela repetição do mesmo ou do recebido, mas pelo fazer-se por si próprio a partir do recebido, e até pelo desafio, pela interpelação e pela provocação construtiva e desconstrutiva. Sobretudo as suas aulas dos cursos de Pós-Graduação eram verdadeiros laboratórios experimentais de leitura e de escrita dessa coisa sempre um pouco nebulosa que dá pelo nome de Filosofia. Passada, para alguns, a inicial irritação de lhes parecer que não se chegava por esse caminho a lado nenhum, tal modo de ensinar — muitas vezes provocando a catarse não só do sabido, mas até da própria pretensão de saber — era altamente inspirador e fecundo.⁷ Mesmo nunca pretendendo deixar discípulos ou criar escola, não deixa de ser notável a influência que a sua lecionação veio a ter no suscitar de interesse de várias gerações de alunos da FLUL por temas ou autores de Filosofia Medieval, tendo em vista a realização de dissertações de mestrado ou de doutoramento. Mais: é a sua própria obra que tem sido já objeto de várias dissertações académicas.⁸

E qual o conteúdo dessa disciplina de Filosofia Medieval?

Uma distinta aluna, discípula e assistente do Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves, que lhe veio a suceder na docência da disciplina de Filosofia Medieval na FLUL, a Professora Doutora Maria Leonor Xavier, teve a feliz ideia de tomar registo, em anos sucessivos, das teses do seu Professor e coligi-las no que chamou “Os ditos filosóficos de Joaquim Cerqueira Gonçalves”⁹. Nas suas 54 páginas, constitui uma antologia memorável de apotegmas e sentenças lapidares a respeito dos tópicos por ele lecionados nessa disciplina — e que certamente deveriam sempre ser entendidos não só como *quaestiones disputatae*, mas também como *quaestiones disputandae*. Esquemáticos, lapidares, contundentes, provocadores, lançados como desafios para o pensar e sempre dando muito que pensar, eram a estratégia pedagógica adequada para tirar os alunos ouvintes da inércia passiva e os levar a reagir ou a pô-los em movimento de pensamento.

⁷ Veja-se António Pedro Mesquita, in *FM*, pp. 341-345, “Cerqueira Gonçalves – o Professor”.

⁸ Seja apenas um exemplo, Sara Vieira Romão, *Fidelidade ontológica – Um Itinerário em torno do Pensamento Ecológico de Cerqueira Gonçalves*, FLUL, 2020.

⁹ *Poiética do Mundo*, pp. 61-115.

Todos esses ditos e teses encontram enquadramento e contextualização analítica e dialética nos seus escritos. Encontram-se entre eles declarações acerca do entendimento da hermenêutica da filosofia e de uma filosofia hermenêutica, acerca da relação entre filosofia e teologia, entre filosofia e cultura, entre filosofia e mito, entre filosofia e ciência; expõe-se a visão de uma história filosófica da filosofia e a de uma filosofia da história, onde, em última instância se inscreve a própria história da filosofia e da cultura; faz-se a identificação dos grandes confrontos de matrizes filosófico-culturais que determinaram e continuam a determinar a cultura e o pensamento medieval e ocidental; mostra-se a subterrânea persistência da medievalidade filosófica no pensamento moderno e até no pensamento contemporâneo. Destacam-se por certo as receções e a presença do pensamento grego na cultura medieval e a sua transformação por efeito das ideias que haviam sido aduzidas pelo Cristianismo, sublinhando a completa novidade destas últimas, que obriga a uma total reconfiguração daquelas, não sem apontar a resistência oferecida a essa reconfiguração, nomeadamente, pelas doutrinas (físicas, metafísicas, psicológicas, éticas) de Aristóteles ou das receções e interpretações deste. Há nessa súpula de tópicos e sentenças também a identificação do muito que há de novo na medievalidade e que teve a sua superior expressão na tematização filosófica de alguns filósofos dessa longa época que se estende por 10 séculos de História, e que, longe de ser um monólito, revela muitas facetas e muitos e muito diferentes protagonistas.

Dessas facetas e desses protagonistas há três que Cerqueira Gonçalves mais intensamente explora do ponto de vista hermenêutico — Agostinho, Boaventura e Escoto — e sobretudo neles descobre e põe em destaque um acervo de temas e de filosofemas que eram desconhecidos do pensamento grego e onde mais se revela o “efeito cristão” sobre o destino do pensamento medieval e ocidental: o ser como existência, o sentido da individualidade e da liberdade, o impulso criacionista e personalista, a preponderância da vontade sobre a inteligência, o anti-fatalismo e mesmo a recusa dos necessitarismos de feição racionalista ou certificados como ciência, o sentido da contingência, mas também da positividade e dignidade do Mundo, do corpo e da matéria. Na teologia, a ideia da infinitude de Deus e da sua transcendência em relação ao Mundo por ele criado. No plano antropológico, a subordinação da inteligência ou razão à vontade, a descoberta do humanismo medieval, caracterizado pela irredutibilidade do indivíduo, mas

ao mesmo tempo pela sua capacidade de vir a ser pessoa em relação de comunidade com outros, a descoberta do sentido da interioridade, o sentido da universal e cósmica fraternidade e solidariedade de todas as criaturas; por conseguinte: a recusa do antropocentrismo; a compatibilidade entre o teocentrismo e o humanismo da liberdade e da criatividade humanas; o confronto entre a antropologia medieval personalista e a antropologia dualista dos gregos.

A disciplina de Filosofia Medieval era o espaço onde uma ampla e densa agenda de questões era pensada e discutida. O catálogo de tópicos e as sentenças que os ilustravam em muitas variações revela ao mesmo tempo as convicções e prioridades de pensamento pessoal do Professor que as exprimia, muitas vezes também em forma lacónica e provocadora. Atenção lhe merecem as questões de relação entre Razão e Fé, entre Filosofia e Cristianismo. Se reconhece que o Cristianismo não é uma filosofia, faz notar, todavia, que ele influenciou fortemente e mesmo radicalmente a Filosofia, pelo menos com um conjunto de tópicos que se tornarão tarefas ou desafios fundamentais para a meditação e especulação filosófica, a respeito de Deus, do Mundo, do Homem, da organização da sociedade. Assim, a conceção trinitária de Deus, a caracterização da essência de Deus não primeiramente como Intelecto, mas como Amor e como Infinito; a ideia de Criação com suas implicações na maneira de entender a relação Deus-Mundo e a própria densidade e dignidade ontológica do Mundo, da natureza, da matéria, do corpo, que tem sua máxima expressão na ideia de encarnação de Deus; o profundo sentido da pregnância da temporalidade e da História como processo em devir do Ser, do Mundo, do Homem, apontando ao futuro propulsionado pela energia da esperança do melhor — a escatologia em vez da genealogia; enfim, o homem concebido mais como um ser livre, do que como um ser racional capaz de ciência, como indivíduo e pessoa, capaz de entrar em relação de comunidade com outros. Do que resulta o essencial otimismo, a prioridade do amor e duma ética da generosidade sobre a ética aristotélica das virtudes e do justo meio e do cálculo métrico da justiça, a que contrapõe uma poética da gratuidade sem medida. Da mesma forma, ocupa-se o Professor Cerqueira Gonçalves amiúde da conceção e organização medieval dos saberes ou das “Artes” e da relação entre estas e a Teologia, sempre tomando disso lição para uma reflexão sobre o estado dos saberes e da Universidade nos tempos mais recentes.

Os grandes temas que são abordados nos seus ensaios têm, de uma ou de outra forma, eco nos tópicos das suas aulas, e vice-versa. Mas há um tema que perpassa a hermenêutica cerqueiriana não só da cultura medieval como também de toda a cultura ocidental, mesmo a contemporânea — e isso, seja nos seus cursos de Filosofia Medieval ou nos seus ensaios: a de que a característica mais marcante da cultura ocidental, e também da Idade Média, é a contraposição entre o Gnosticismo (a Gnose) e o Cristianismo.¹⁰ Por Gnose entende Cerqueira Gonçalves não apenas os movimentos ecléticos conhecidos por esse nome dos séculos II e III d. C., mas a pretensão de salvação pelo conhecimento, da gnose, da filosofia, da ciência, duma revelação), que costuma ir de mão dada com o maniqueísmo (i.e., a apreciação negativa do Mundo, do corpo, da matéria, e a consequente fuga e rejeição dos seres da criação). Nos antípodas do gnosticismo e do maniqueísmo, encontra-se, segundo ele, o Cristianismo e respetiva valorização positiva da Criação, do Mundo, do corpo, da matéria. Certamente não ignora ele as contaminações doutrinárias que o Cristianismo, nomeadamente nas suas origens, sofreu da Gnose, como reconhece que o peso e influência cultural do fator cristão foi sempre inferior aos do fator gnóstico e maniqueu.

Se Cerqueira Gonçalves adere sem reservas à tendência anti-gnóstica e anti-maniqueia, que considera representada pelo Cristianismo (em especial, na forma que recebeu no Franciscanismo, cujos alguns dos primeiros membros se destacaram na pregação contra o catarismo), distancia-se, por outro lado, do paradigma gnóstico e das suas subseqüentes metamorfoses na cultura e na filosofia ocidentais, sob a forma dos idealismos, dos intelectualismos, dos cientificismos, dos formalismos, mas disfarçando-se também nas formas do hermetismo, do esoterismo, da cabala, do ocultismo, do catarismo, do puritanismo, dos rituais e mistérios de iniciação das sociedades secretas.

Em suma, nos seus cursos de Filosofia Medieval, o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves levava realmente a cabo o que pode chamar-se uma verdadeira “reinvenção” da Idade Média, numa das suas vias ou matrizes essenciais — a (neo)platónica-agostiniana-franciscana — e nas suas três expressões filosóficas maiores (Agostinho, Boaventura, Escoto). Ele participa assim, com

¹⁰ Veja-se o seu ensaio de síntese desta ideia “Teologia cristã e Gnose”, *IE*, I, pp. 431-4459, primeiramente publicado em *Communio*, 17 (2005), pp.339-350.

contributo próprio e original, no amplo movimento de redescoberta da Idade Média filosófica, levado a cabo ao longo da primeira metade do século XX, e que atingiria o seu auge nas décadas de 50 e 60, precisamente aquelas em que Cerqueira Gonçalves fazia a sua formação universitária e iniciava a docência da disciplina de Filosofia Medieval.¹¹ Ele contribuiu desse modo para o amplo movimento de “redescoberta” da importância e significado dessa época também em vários aspetos da cultura e do pensamento que ela produziu ou que a inspirou, e que desde as 3 últimas décadas do século XIX sofrera os ataques dos que, deslumbrados com a descoberta do Renascimento e do Humanismo, leram estes movimentos como representando uma rutura absoluta com o passado medieval e contrapuseram isso que julgavam ser o fruto da inauguração de uma nova época de luzes e de humanidades, à anterior época de “trevas” e de “barbárie”, conotada com o “escolasticismo”.¹² Por sua vez, a “redescoberta” dum mais verdadeira Idade Média deu azo a uma perspetiva hermenêutica que permite reconhecer grandes e subterrâneas continuidades e também, é certo, algumas rupturas, mas não uma descontinuidade absoluta entre essas duas épocas. E é assim que Cerqueira Gonçalves pode não apenas reconhecer o que dos antigos (da filosofia grega) passa aos medievais ou foi por estes recebido e assumido, ou rejeitado, ou transformado, mas também é capaz de ver e de mostrar o quanto de medieval persiste, não só no chamado Renascimento e até no Humanismo, como também na Idade Moderna (em Descartes, por exemplo)¹³ e na Idade Contemporânea. As suas aulas de Filosofia Medieval eram, na verdade, aulas onde se fazia presente e viva, de modo pertinente e inspirador, toda a História da Filosofia.

3. O PENSADOR E A SUA OBRA

Aos 3 volumes que recolhem uma seleção dos seus escritos editados pela INCM (2011, 2013 e 2014) deu Joaquim Cerqueira Gonçalves por título geral

¹¹ Destaca-se, entre muitos outros grandes medievalistas, a figura de Étienne Gilson, *La Philosophie au Moyen-Âge. Des origines Patristiques à la fin du XIVe siècle* (1962); Jean Duns Scot, *Introduction à ses Positions Fondamentales* (1952); *Introduction à la philosophie chrétienne* (1960); *Saint François et la Pensée Médiévale*.

¹² A revalorização deu-se também no terreno da literatura e cultura em geral, do que é prova a obra de Ernst Robert Curtius, *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* (1948), que continua a ser referência incontornável ainda hoje.

¹³ Veja-se a sua “Leitura medieval e moderna de Descartes”, *IE*, II, pp. 571-581.

Itinerâncias de Escrita. Título, só aparentemente vago e inexpressivo, cuja plena pertinência e densidade se advertem lendo o conteúdo desses volumes. A metáfora do caminho tem larga e fecunda história na filosofia, e um tal título de imediato nos faz pensar no *Itinerarium mentis in Deum* (1259), de seu mestre Boaventura de Bagnoregio. Mas logo nos sentimos desenganados por essa associação pois, nestas “itinerâncias” cerqueirianas não somos conduzidos à “*unio mystica*” com Deus, como acontece naquela obra do seráfico doutor. Somos, antes, convidados a trilhar os caminhos que nos podem levar a reencontrar o Mundo na sua real pregnância, perdida com o universal domínio de uma cultura moldada hegemonicamente pela ciência e pela técnica, para a qual deixou de ter sentido a própria questão do sentido do Ser, da vida, dos seres, incluindo os humanos. Na associação assim sonogada do seu título com o de Boaventura é como se Joaquim Cerqueira Gonçalves nos quisesse dizer que de nada nos vale chegar à união mística com Deus, se perdemos o Mundo que é obra de Deus, se perdemos o sentido do Ser e dos seres e se nos perdemos nós próprios. Mas eis a explicação mais lhana, dada pelo autor para o título geral dos seus escritos: “*Procurou-se espelhar, nele, quer a condição existencial e institucional do autor, membro da Ordem Franciscana, quer, simultaneamente, a característica da sua actividade filosófica: caminhar por múltiplas sendas, num abrangente exercício, que o discurso escrito vai mapeando.*” (IE, I, p. 8).

As “múltiplas sendas” não são, porém, “caminhos que não levam a parte alguma”, mas deixam-se “mapear” em função de um certo número de grandes territórios entre si comunicantes e interferentes (com seus respetivos campos semanticamente densos e seus núcleos temáticos), territórios esses que vão indicados pelos pares de subtítulos de cada volume, respetivamente: Cultura/Linguagem; Hermenêutica/Filosofia; Escola/Ecologia.

Qualquer dos ensaios de Joaquim Cerqueira Gonçalves, por pequeno ou grande que seja, sendo embora geralmente parco de citações de outros autores, é um tecido denso de referências explícitas ou implícitas a outros pensadores e respetivas ideias, e requer demorada atenção e cuidada hermenêutica. Se, como reiteradamente defende, a Filosofia é Literatura e se a linguagem que para ela propõe é a linguagem natural e não qualquer linguagem técnica ou pretensamente científica, isso, todavia, não significa que os seus textos e a sua escrita sejam de fácil leitura e de imediata compreensão. Deve-se isso, porém, não à falta de

clareza ou de precisão da sua linguagem, mas sim à rede de mediações que na sua narrativa se envolvem e que, para se apreenderem, têm de ser explicitadas também pelo próprio leitor e intérprete, sem o que a obra não cumpre a sua verdadeira função que é despertar outros para pensarem também eles próprios.

A recente edição (pela INCM) dos seus escritos em três volumes, que não é completa, pois muitos outros há que não foram nela integrados (intencionalmente os de temática mais religiosa), dá, à primeira vista, a ideia de miscelânea, onde não se vislumbra um claro critério de ordenação, nem cronológico, nem temático, nem de género: há amplas monografias, que na origem foram livros, há ensaios longos e há pequenos textos de circunstância. Mas os mais pequenos e aparentemente anódinos não perdem o seu significado pelo tamanho, ou pela rúbrica em que são subsumidos.

O autor tem consciência dessa condição aparentemente avulsa e aleatória da arrumação dos seus escritos — “Colectânea” lhe chama —, mas considera que nisso se exprime a verdade da sua origem, “ao sabor do estímulo de muitas circunstâncias, sem qualquer propósito e projeto de unidade” (Apresentação, p.7) e, como critério de escolha, declara ter tido mais em conta o presumido interesse do leitor do que a afeição do autor. Mas é significativa a razão que dá para legitimar a edição da “Colectânea” dos seus escritos: fá-lo “ao jeito de prestação de contas” de um professor de uma escola pública, onde o visível trabalho de dar aulas não deixa ver o trabalho de reflexão e de criação que na escrita se objetiva e que é um efetivo prolongamento da função pública de docência. Por conseguinte, o sentido de responsabilidade social do pedagogo e servidor público, que continua a ser.

Há, porém, uma ordem mais profunda e subtil que liga esses escritos: recusadas as hierarquias de qualquer tipo, todos eles são apenas “marcas” da “itinerância de escrita” de seu autor — e, ao limite, o tema de qualquer deles sempre se inscreve na ampla e densa categoria cerqueiriana de “Cultura”, organismo vivo, onde, hermeneuticamente falando, todas as balizas temporais claudicam ou as fronteiras de género se esfumam.

Pode parecer estranho que a primeira peça integrada no primeiro volume da “Colectânea” dos seus escritos seja o ensaio sobre o mais conhecido romance do escritor italiano Umberto Eco, ele mesmo também medievalista e filósofo de estética e semiótica: “A vida e a morte dos sinais — Uma leitura de *O Nome da*

Rosa, de Umberto Eco”. Mas, pensando bem, essa escolha revela-se cheia de significado, pois com ela o autor coloca-nos no cerne dos seus interesses e no fecundo campo do seu mais intenso trabalho hermenêutico — a Idade Média e os grandes debates que nela se desenrolaram na sua fase terminal, pondo-se em evidência as diferentes atitudes e linhas de pensamento que aí se confrontavam, em que os franciscanos eram pretexto, mas também atores decisivos, e os valores que incarnavam ou defendiam eram fraturantes, socialmente, politicamente, religiosamente, culturalmente, filosoficamente, aspetos estes que Cerqueira Gonçalves tratara largamente no seu ensaio *Franciscanismo e Cultura*, cuja primeira publicação é de 1970 (como II Parte de *Humanismo Medieval*, pp. 93-210; retomado em *IE*: I, pp. 199-263). A receção dada ao romance de Eco constituiu, aliás, uma expressiva demonstração da tese da presença da medievalidade na cultura contemporânea, ideia recorrentemente defendida pelo Professor de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Esse inspirado ensaio de Cerqueira Gonçalves sobre o romance de Umberto Eco constitui, pois, verdadeiramente a Introdução Geral a tudo o que segue.¹⁴ Estão ali em sinopse, como que em microcosmo, os grandes temas e debates que ocuparam o autor não só nas suas aulas, mas também em muitos dos seus escritos coligidos nesse e nos volumes seguintes. Mas acho que a predileção do autor por esse ensaio, ao ponto de o colocar assim em realce, resulta também da sua identificação com o perfil do protagonista do romance — o franciscano Guilherme de Baskerville — e sua atitude perante a realidade e os problemas, entendendo a sua função como a de um leitor de sinais ou de vestígios deixados na escrita do Mundo ou dos livros, com vista a tentar a respetiva decifração dos seus sentidos, para chegar a compreender a realidade, invocando precisamente a pregnante metáfora do “mundo como livro escrito pelo dedo de Deus, em que cada coisa fala da imensa bondade do seu Criador, em que cada criatura é como que um espelho da vida e da morte, em que a mais humilde rosa se torna glosa do nosso caminho terreno”; e, por outro lado, mostrando-se no romance a relação dialética e ambígua entre os livros (a Cultura, representada pela Biblioteca) e o Mundo, a realidade, a natureza e a vida, e também as diferentes atitudes em relação aos livros (ora usando os sinais

¹⁴ Sobre a relevância desse ensaio, veja-se também Carlos João Correia, “Cerqueira Gonçalves e *O Nome da Rosa* de Umberto Eco”, *FM*, pp. 373-380.

neles contidos — as palavras — para ler, decifrar e interpretar a realidade, ora usando-os para a egoísta e infecunda volúpia própria, ora impedindo a outros que os leiam, com medo do que lhes possam eles revelar ou ensinar sobre o mundo e a realidade. Creio que Frei Joaquim de Gaifar não se sentiria fora da sua pele nem teria que violentar o seu modo de ser se tivesse que desempenhar o papel de Frei Guilherme de Baskerville, o único personagem que sai bem na fotografia do romance. E, tal como ele, seria bem capaz de reconhecer que não há escrita secreta que não possa ser decifrada com um pouco de paciência, e que muitas vezes se sente muito incerto na sua verdade, ainda que nela acredite, e que talvez até seja importante fazer com que a verdade se ria de si própria e não se leve muito a sério, o mesmo é dizer, que devemos libertar-nos da paixão insana de pretender e de ter a verdade absoluta ou a sua interpretação total e definitiva. Enfim, talvez até fosse capaz de confessar, com o Frei Guilherme do romance, que “em vez de conceber um único erro, ele imagina muitos, não se tornando, assim, escravo de nenhum”. Há efetivamente um ar de subtil ironia e de lúcido ceticismo ativo e realismo prático — que também se poderia chamar agilidade mental e liberdade ou liberalidade de pensamento — que se respira nas entrelinhas dos escritos de Joaquim Cerqueira Gonçalves.

Mas esse ensaio de abertura da edição dos seus escritos revela-nos ainda outras dimensões de pertinência para o lugar que ocupa na “Colectânea”. Para além de por todo ele pairar a já referida metáfora do livro e da leitura, do Mundo como um texto a ler e a decifrar, metáfora e tema também, e desde muito cedo, recorrentes nos escritos de Joaquim Cerqueira Gonçalves, o romance de Eco constitui uma efetiva demonstração ostensiva de duas teses muito caras a Joaquim Cerqueira Gonçalves: a de que a Filosofia é Literatura e a de que há — pode haver — Filosofia na Literatura (num romance, num poema).

Não posso percorrer aqui, nem sequer sumariamente, todos os territórios por onde Cerqueira Gonçalves nos convida a segui-lo. Limito-me a destacar três: o da Cultura, o da Linguagem (vol. I), o da Ecologia (vol. III).

O primeiro grande território é o da **Cultura**.¹⁵ Esta expressão tem em Cerqueira Gonçalves uma muito peculiar densidade semântica e quase se

¹⁵ O tópico tem sido objeto de várias abordagens: José M. da Silva Rosa, «“Olhar sempre em frente”». Para uma Filosofia da Cultura em J. Cerqueira Gonçalves», *FM*, pp. 403-416; Renato Epifânio, “O valor da Cultura numa ontologia da diferença”, *FM*, pp. 417-420.

poderia dizer que toda a sua filosofia se poderia considerar como uma ampla Filosofia da Cultura, onde encontram a sua pertinência e o seu solo natural os grandes filosofemas em que se aplica a sua meditação e na qual até a própria Filosofia encontra o seu real e pleno sentido. Descreve-a “como um domínio assaz radical e abrangente, cuja expressão é múltipla e omnipresente, cuja atmosfera tudo invade sem que se veja esgotada no que quer que seja, embora se manifeste sempre por determinações”. (IE, III, p. 529)

A Cultura declina-se no plural, exprime-se diferenciadamente e, por vezes, manifesta-se em matrizes antitéticas, como na já referida oposição entre o Gnosticismo e o Cristianismo. Cultura não é um dado, um objeto ou conjunto de objetos, mas é um processo cujo protagonista não é apenas o homem, mas toda a realidade: é “*uma actividade estruturalmente axiológica, (...) de enraizamento ontológico; (...) uma ação complexa, na qual entram as coisas, os valores, as ideias, as palavras, os sentimentos... (...) designa a própria dinâmica da realidade, ... nela entrando insubstituível e decisivamente a interferência de todos os entes, com especial protagonismo dos entes que pensam, imaginam e agem livremente (...)*”; “*(...) o exercício de organização de uma totalidade diferenciada, a partir de uma outra totalidade, também cultural, previamente dada, para que seja ontologicamente enriquecida, num movimento, desenvolvido no tempo, que simultaneamente unifica, universaliza e diferencia. Mediante este processo o universo metamorfoseia-se — é — um mundo — um livro, a que é inerente a intencionalidade de um movimento de transformação permanente.*” (IE, III, pp. 402-403)

Como se pode ver, a densa noção de **Cultura** de Cerqueira Gonçalves encontra-se com outra noção igualmente pregnante em que se condensa o seu pensamento — a noção de **Mundo** —, que não deve ser confundida com a noção de Cosmo, de Terra ou de Universo, mas indica também ela uma totalidade organizada com sentido, em constante e temporal processo de universalização, unificação e diferenciação, que é constituída pelas coisas, pela natureza e seus seres em toda a sua diversidade, onde também a existência humana se inscreve e desenvolve as suas ações de conhecimento, de sentimento e de ação; por conseguinte, também pela Cultura, com todos os seus ingredientes, incluindo a Ciência e a Técnica.

Características destas duas noções — a de Cultura e a de Mundo —, que, na verdade, se interseitam e pelo menos parcialmente se sobrepõem, e nas quais por assim dizer se condensa e sumaria todo o pensamento de Cerqueira Gonçalves,

são: a dimensão de totalidade e de totalização em processo (elas envolvem todos os seres, incluindo os humanos, mas também os valores); a dimensão de organicidade e de processualidade, ou de historicidade e desenvolvimento; a radicação ontológica, e não antropológica, embora esta dimensão não deva ser eliminada e sim integrada naquela.

Se quisermos completar o sumário das três grandes categorias cerqueirianas, só temos de juntar a estas duas uma outra: a noção de **Ser** (entendida não como substância ou essência, mas como **poder ser**, como **ser mais e melhor**), com a qual se diz a ontologia criacionista e expressionista de Cerqueira Gonçalves, que, apesar de tudo, não pode deixar de pagar tributo a Aristóteles, embora conceba essa arqui-categoria transformada já pela subtil mediação da interpretação que dela fez Duns Escoto. É assim que, remetendo reiteradamente para essa noção englobante e fundante, sob o lema do “regresso ao Ser”, ele pretende corrigir os vícios de que tem enfermado a cultura dominante no Ocidente, medularmente marcada pelo antropocentrismo, em que tudo — Ciência, Técnica, os seres, a Cultura e o Mundo — é visto instrumentalmente em função dos meros interesses e projetos de dominação dos seres humanos sobre tudo o que esteja ao seu alcance, esquecendo os interesses de todos os outros seres e de todas as outras dimensões da realidade. Por isso, muitas das reflexões de Cerqueira Gonçalves sobre a Cultura assumem o carácter de uma tentativa de recuperação do sentido radicalmente ontológico dessa noção e da realidade que ela designa, mostrando por outro lado a penúria e o enviesamento das tradicionais noções de Cultura.

Segue-se um segundo grande território, por onde se espraia o pensamento de Cerqueira Gonçalves: o da **Linguagem**.¹⁶ Se, no anterior, já éramos convidados a um regresso à Cultura e ao Ser, agora somos também convidados a um movimento de replicados “regressos”: o “regresso às Humanidades e às Artes”, como correção do universal imperialismo científico-técnico. Cerqueira Gonçalves não deixa de manifestar a sua preferência pela designação medieval desse diferenciado campo, por ser mais autêntica e mais ampla do que aquela outra, onde até a

¹⁶ Veja-se Fernanda Henriques, “Filosofia, Literatura e Linguagem em Cerqueira Gonçalves”, *FM*, pp. 353-359; Manuel Cândido Pimentel, “A filosofia é literatura – Aproximações a Joaquim Cerqueira Gonçalves”, *FM*, pp. 361-371; Tomás N. Castro, ““Estamos aqui para falar.” Filosofia e Literatura na encruzilhada das Humanidades”, *FM*, pp. 389-401.

referência aos “*studia humanitatis*” é vaga, seja que se considerem os de Cícero ou os dos humanistas do Renascimento. Segue-se; o “regresso à Literatura”, e, por conseguinte, o “regresso ao Texto” e o “regresso à Hermenêutica”; mais ainda, o “regresso às línguas maternas e à linguagem natural”, que estão na origem de todos os saberes; e, por isso, também o “regresso à Poesia”, reconhecida como capaz de dizer a realidade do que se vive e se é com mais verdade do que o podem fazer as linguagens formais e convencionais da matemática e das ciências; e ainda a reabilitação da Retórica, reconhecida como ingrediente essencial de uma conceção de verdade que não se dirija apenas ao intelecto, para que a compreenda, mas a todas as potências anímicas (cognitivas, emotivas, ativas), cumprindo as funções do ensinar, do deleitar e do mover à ação (*docere, delectare ac movere*); e o regresso à metáfora, que Cerqueira Gonçalves considera “a fénix renascida da literatura ocidental” (I, p. 602 ss) e como sendo a mais expressiva amostra da ilimitada potência criadora da linguagem em sua ação de fazer proliferar os sentidos das realidades e de os transmutar até entre os diferentes géneros, criando a comunidade dos géneros e multiplicando a transferência e a comunicação de sentidos. Na sua hermenêutica da cultura e das filosofias medievais, Joaquim Cerqueira Gonçalves, ultrapassando uma tradicional desvalorização do chamado alegorismo medieval, destaca com grande pertinência a fecunda economia de algumas metáforas que eram tópicos ou referências comuns aos pensadores dessa época (e não só dessa!), as quais configuravam não apenas as respetivas descrições literárias da realidade, mas também, e em primeiro lugar, a sua própria perceção e leitura do sentido ou sentidos dessa mesma realidade. É o caso das metáforas (representacionais) do espelho, do quadro e do livro (“*omnis mundi creatura/tanquam liber et pictura/nobis est in speculum*»), segundo os conhecidos versos de Alain de Lille), que, como vimos, são também *Leitmotiv* do romance de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*.

Por todos estes aspetos de insistência na linguagem, na literatura, na textualidade, na hermenêutica, na Retórica e na metáfora bem pode dizer-se que, com o seu pensamento filosófico, Joaquim Cerqueira Gonçalves operou, em si mesmo e a seu modo muito peculiar, aquela “conversão” que alguns entendem ser uma das características marcantes do pensamento filosófico no século XX — o *linguistic turn*: a “viragem linguística” (ou a viragem para a linguagem) como pressuposto para a abordagem das questões filosóficas. Nele, porém, esse movimento

não conduz ao formalismo e tecnicismo das linguagens analítico-logicistas, mas sim à recuperação do sentido do Ser que se revela mais genuinamente nas linguagens naturais. Também no que toca à valorização da Hermenêutica, da Retórica e da Metáfora o seu pensamento está em linha, mas pelo seu próprio pé, com o renascimento ou reabilitação que desses domínios se veio a dar, sobretudo ao longo da segunda metade do passado século, mas iniciado antes.¹⁷

É neste amplo contexto que ganham todo o seu sentido e pertinência muitas causas e lemas de Joaquim Cerqueira Gonçalves, que, alguns que dele os ouviam, tomavam por meras obsessões idiossincráticas de quem os dizia.

Em suma, apesar da grande dispersão temática da sua obra, o seu pensamento revela uma essencial coerência garantida pela fidelidade nunca rompida em relação às suas referências matriciais de inspiração (sejam os medievais, Agostinho, Boaventura e Escoto, ou os mais recentes Blondel, Lavelle e Ricoeur) e às respectivas teses nucleares de cada qual; fidelidade que se manifesta também na persistente crítica que faz da feição preponderantemente racionalista e técnica assumida pela cultura, pela ciência e pela filosofia ocidental, e que se manifesta nos seus formalismos, logicismos, intelectualismos e idealismos; fidelidade, enfim, como obsessiva insistência em relação a algumas causas próprias e que foram mesmo pioneiras no nosso meio: o regresso ao Ser e à ontologia, em vez da aposta na ética e na fixação antropocêntrica; o regresso à linguagem natural e à literatura; a insistência na escrita, no texto, na hermenêutica. Este aspeto de Cerqueira Gonçalves, como um pensador “fiel” às suas grandes causas e referências, foi posto em especial destaque pelo nosso confrade Professor Manuel José do Carmo Ferreira, num seu testemunho sobre o nosso Elogiado.¹⁸

Focar-me-ei, para terminar, no território que é a reiterada meditação de Cerqueira Gonçalves sobre a Ecologia, o Ambiente, a Vida.¹⁹ Trata-se de uma

¹⁷ No que respeita à Hermenêutica, são suas referências sobretudo H.-G. Gadamer e P. Ricoeur. No que respeita à Metáfora, Paul Ricoeur, *La métaphore vive*, 1975, e Jacques Derrida, *Marges de la Philosophie*, 1972. Pelo que toca à reabilitação da Retórica, tenha-se presente sobretudo a proposta da “Nouvelle Rhétorique” de Chaïm Perelman, mas também a reapreciação da retórica medieval e seu significado por James Murphy, *Rhetoric in the Middle Ages*, 1974; a reavaliação da tradição retórica em geral, por Brian Vickers, *In Defence of Rhetoric*, 1988, e a reavaliação da relação entre Retórica e Filosofia por Ernesto Grassi, *Rhetoric as Philosophy*, 1980, Samuel Ijsseling, *Rhetorik und Philosophie*, 1988 e Michel Meyer, *From Logic to Rhetoric*, 1986; *Questions de rhétorique. Langage, raison et séduction*, 1993, entre muitos outros.

¹⁸ “Do amor ao dizer”, *FM*, pp. 319-322.

¹⁹ Veja-se Maria Luísa Ribeiro Ferreira, “Joaquim Cerqueira Gonçalves – Um olhar ecológico sobre o mundo e a vida”, *FM*, pp. 625-633; Francisco Corboz, “Questões de Metafísica em Ecologia: Joaquim Cerqueira

meditação insistente e empreendida não por mimetismo ou ao sabor de ondas ou de modas, mas por exigência da radical matriz ontológica e criacionista do seu pensamento, do profundo sentido da universal fraternidade que liga todos os seres e pelo respeito e agradecimento que a todas as criaturas dedica.

São audíveis, nas reflexões de Cerqueira Gonçalves sobre estes temas, ressonâncias de alguns temas heideggerianos — a denúncia dos antropocentrismos, a hermenêutica e crítica da determinação técnica do pensar e do agir que dominou e configurou o destino do pensamento e da cultura ocidentais, o conseqüente esquecimento do Ser e dos seres, a globalização de uma cultura da eficácia e da universalização formal e abstrata que não cuida dos existentes concretos, o assumido imperativo da rentabilidade economicista que conduz à sistemática depauperização e destruição da Natureza, das formas de vida, da diversidade dos seres, num verdadeiro movimento em sentido inverso ao da dinâmica expressionista e criacionista que se tem revelado ser aquela por que se rege a economia difusiva e perdulária do Ser e da Natureza.²⁰

Cerqueira Gonçalves não acredita que se possa reverter esse destino pelo investimento numa Ética, mesmo que seja uma Ética da Natureza ou do Ambiente, que, por fim, haveria de ser sempre marcada pelo interesse antropocêntrico. Se se quiser falar de Ética, terá de ser de uma Ética do ser, não de uma ética da liberdade, e nem mesmo de uma ética da natureza, como o escreveu o nosso confrade Prof. Doutor António Braz Teixeira, num seu ensaio intitulado “A proposta ética de Joaquim Cerqueira Gonçalves”: “... como pensa Cerqueira Gonçalves, unicamente uma *ética do ser*, que parta da realidade existente, para a desenvolver no mundo espaço-temporal, tem a possibilidade de superar as dificuldades e as limitações daquelas duas éticas (a da liberdade e a da natureza), uma ética ontológica que haveria, igualmente, de ser uma ética da harmonia, em que nenhum ente tivesse que ser sacrificado a nenhum outro e a qual só poderia manifestar-se na máxima realização de todos os seres e não apenas de alguns, consistindo, por isso numa ética da realidade e da generosidade ontológica, em que entraria todo o real e não apenas os seres humanos”.²¹

Gonçalves”, *FM*, pp. 641-645; M. Patrão Neves, “Pressuposto para uma Filosofia do Ambiente, em Cerqueira Gonçalves”, *FM*, pp. 663-671; Manuel Cândido Pimentel, “Joaquim Cerqueira Gonçalves: uma filosofia do ambiente”, *Poiética do Mundo*, pp. 45-60.

²⁰ A explícita aproximação entre Cerqueira Gonçalves e o pensador da Floresta Negra é feita por Irene Borges Duarte no seu ensaio “Vida e Mundo na Ontologia Cerqueiraiana”, *FM*, pp. 549-562, especialmente pp. 558ss.

²¹ *FM*, pp. 309-318, p. 311.

Da mesma forma, não há que esperar uma solução provinda exclusivamente das ciências, mesmo que sejam as da Terra, e ainda menos soluções geradas pela Política ou mesmo pelo Direito. Sempre serão soluções “técnicas”, visando interesses específicos — de curtas vistas, de curto prazo e de largo lucro — de alguma das partes (ou países, ou grupos de países) dominantes, e não soluções holísticas, que ponham na equação do problema e na sua solução os interesses de todos os seres.

Sendo um filósofo da esperança, que professa e irradia um obstinado otimismo ontológico, Cerqueira Gonçalves não nos deixa condenados ao destino do compulsivo e intensivo niilismo ontológico que tem tomado a Cultura e o Mundo desde há muito. Porém, a cura ou a viragem que aponta só podem realizar-se se previamente se proceder a uma catarse e a uma profunda conversão: a catarse do antropocentrismo, isto é, da centração de tudo na perspectiva exclusiva do homem ou das comunidades e sociedades humanas; a conversão ou regresso ao Ser, a uma ontologia do concreto e do sensível, começando por reaprender a gramática básica da natural e essencial solidariedade e da universal fraternidade humana com todos os seres.

Cito aqui as palavras, desta vez, do nosso confrade Professor Viriato Soromenho-Marques, que, sobre este tópico, assim resume a mensagem do nosso Elogiado, que foi seu Mestre e Colega: “Os caminhos possíveis que permitem uma nova habitação humana sobre a Terra, ou aquilo que, menos filosoficamente, se designa como sustentabilidade, equilíbrio, ou a existência social e comunitária de acordo e dentro da ‘capacidade de carga’ dos ecossistemas, passam, na perspectiva de JCG, por quatro vias: a) a revisitação hermenêutica da tradição filosófica, em toda a sua latitude, escapando a todas as dicotomias falsas e redutoras, incluindo a recusa de transformar Descartes numa ‘*bête noire*’ dos passivos da modernidade; b) valorização da literatura como terapia de um aprisionamento formalista da linguagem; c) revalorização do pensamento ontológico, em detrimento de uma excessiva inflação de atenção concedida à ética; d) reativação do legado filosófico do pensamento e da obra de Francisco de Assis.”²²

Esta prescrição terapêutica é o caderno de encargos que o Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves nos aponta como tarefa e que, obviamente, somos livres de seguir ou não seguir, sendo certo que não será indiferente para o destino do Mundo a opção que escolhermos.

²² “Ecologia e Natureza no pensamento de Joaquim Cerqueira Gonçalves: Uma Introdução”, *FM*, pp. 670-671.

Quem com ele conviveu e trabalhou, quem teve a graça de frequentar os seus cursos e de beneficiar da sua lúcida e generosa visão da Universidade, da Ciência, da Filosofia, da Cultura, do Mundo, não pode calar o MUITO OBRIGADO de profunda gratidão que lhe salta do coração para a boca.

As instituições universitárias, académicas e outras, que o tiveram como seu docente ou o têm como seu membro, seu sócio ou colaborador e puderam e podem contar com a sua sempre leal e esclarecida dedicação, só podem congratular-se e felicitar-se pela imensa honra que ele lhes deu. Por isso, estimados confrades da Academia das Ciências de Lisboa, permitam-me que vos convide a dizer-lhe: BEM HAJA! MUITO OBRIGADO!

Aproximando-se a data do seu nonagésimo terceiro aniversário, permitam-me ainda que vos convide a desejar-lhe que continue por muitos anos mais, com saúde, a iluminar-nos com a sua invulgar lucidez e a inspirar-nos com o seu contagioso estímulo. E, tomando ensejo do nosso confrade emérito Professor Aires Augusto do Nascimento, que dedicou a Cerqueira Gonçalves um seu ensaio de reconstrução genética e hermenêutica (com tradução própria) do “Cântico do Irmão Sol” do poeta de Assis,²³ e, no final, convida o seu colega da Faculdade de Letras e confrade nesta Academia a entoar com ele aquele cântico de louvor pelas criaturas, permito-me presumir que, sendo estas minhas palavras proferidas neste espaço que foi outrora habitado por franciscanos, não será descabido atrevimento que ouse, para este momento, interpolar um verso naquele singelo poema, e diga, e vos convide a dizer comigo: *“Louvado sejas, meu Senhor, pelo nosso Irmão Joaquim”*.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 23 DE MARÇO DE 2023

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 10 DE ABRIL DE 2023

²³ “Laudato sie, mi’ Signore...”, *FM*, pp. 289-307.